

Regressaram à Metrópole cerca de 1800 militares que combateram em Angola

Terminada a sua comissão de serviço no Ultramar, regressou ontem à Metrópole um contingente militar que durante dois anos se manteve em Angola, tendo participado em numerosas acções de combate.

Formavam este contingente da arma de Infantaria, cerca de 1800 homens pertencentes a unidades de Lisboa, Coimbra, Aveiro, Viseu, Braga, Chaves e Vila Real.

Viajando a bordo do paquete «Vera Cruz» que atracou ontem à gare marítima da Rocha do Conde de Óbidos, os militares começaram a desembarcar cerca das 8 e 30.

Embora a chuva que caiu copiosa, tivesse roubado certo brilho e aparato à cerimónia — não se efectuou o desfile previsto — não conseguiu, porém, roubar-lhe o calor dos abraços e beijos de um reencontro sentido de pais e irmãos, mulheres, filhos e noivas, depois de dois anos de ausência saudosa.

Cancelado o desfile, apenas se efectuou, na sala de fumo da 1.ª classe do «Vera Cruz», uma breve cerimónia de boas-vindas perante os oficiais e sargentos do contingente regressado.

Eram 11 e 45 quando deu entrada na sala o ajudante-general do Exército, general Lopes Franco, que representava o ministro do Exército. Acompanhava-o o brigadeiro Vidigal, inspector da Arma de Infantaria.

Estava também presente o capitão-de-mar-e-guerra Mário dos Reis Antunes, comandante de bandeira daquele navio da Marinha Mercante Nacional.

Saudando os militares agora regressados, o general Lopes Franco deu-lhes as boas-vindas e expressou-lhes a satisfação e admiração com que eram recebidos na Mãe-Pátria «cumprida uma missão prolongada e difícil que pôs à prova as suas qualidades». Sublinhou ainda que essa «missão fora cumprida longe da família e perante um inimigo insidioso que nunca luta de frente».

O ajudante-general do Exército recordou depois a memória dos componentes do contingente agora regressado, «que morreram gloriosamente em combate e que regaram com o seu sangue terras bem portuguesas que os nossos antepassados nos legaram».

Em nome do contingente, do qual muitos componentes ostentam medalhas que premeiam os seus feitos o comportamento e participaram em importantes acções tais como a tomada da Pedra Verde, falou, como o mais antigo dos oficiais de maior patente, o tenente-coronel Neves dos Santos.

Dirigindo-se ao general Lopes Franco agradeceu as suas palavras, «palavras ditas com sinceridade, com conhecimento profundo do que fizemos».

Perfilhando inteiramente as palavras do ajudante-general do Exército, aquele oficial superior assinou depois excelentes qualidades de combatentes demonstradas, sempre, por todos os homens que tiveram a honra de comandar, «frente às emboscadas, aos golpes de mão, ao isolamento e às condições desfavoráveis de clima e de terreno, destroçando sempre o inimigo».

O tenente-coronel Neves dos Santos recordou, em seguida, o significado e simbolismo da data de ontem e afirmou:

— Os portugueses que hoje combatem no Ultramar em nada degeneraram dos heróis de 1640. São motivo de orgulho para as suas famílias, para o Exército e para todos os portugueses.

Os componentes do contingente seguiram depois em comboio especial formado no cais, para as suas unidades de origem.

Um pretinho que viajou clandestinamente

Com o paquete já no mar, rumo a Lisboa, foi descoberto a bordo um rapazinho angolano de cor, Gaspar Francisco, de 8 anos, que, afeiçoado à convivência com os soldados quis vir com eles para a Metrópole para prolongar uma amizade sentida.

Descoberto, foi bem tratado e vestido a bordo e entregue agora à Polícia Marítima que, por seu turno, o internou no Albergue da Mitra, até seguir, de novo, para Angola, dado que ninguém se interessou até agora por ele.